

Poliempreende - inovação e empreendedorismo ao serviço da comunidade

Até há cerca de duas décadas um vocábulo praticamente inexistente no quotidiano português, o empreendedorismo, penetrou as agendas políticas, empresariais, mediáticas e mesmo académicas aos mais diversos níveis.

Tornou-se quase uma panaceia, uma cura para todos os males. Não existe debate onde não seja aventado quase como mezinha para resolver os problemas estruturais de desenvolvimento, os agentes empresariais usam-no profusamente e os políticos parecem adotá-lo como emblema dos seus discursos e dos seus programas eleitorais.

O interesse pelo empreendedorismo conheceu uma verdadeira explosão nos últimos anos.



Domingos Santos

Coordenador do
CEDER
domingos.santos@
ipcb.pt

Apesar, como se deixou antever, de alguma retórica balofa que vai pairando, é reconhecida a sua importância no campo da dinamização socioeconómica e da criação de novas fileiras de atividades. Em praticamente todas as economias desenvolvidas se verifica que, de um modo geral, é a um pequeno grupo de novas empresas de forte crescimento, as chamadas empresas gazela, que está associado o grosso da criação de emprego, o que sublinha o papel determinante que o empreendedorismo deve merecer por parte dos poderes públicos. O caminho a percorrer é conhecido – passa pela transformação de conhecimento científico e inovação em valor económico, emprego e crescimento. Só assim se conseguirá reestruturar competitivamente o tecido empresarial e criar emprego de mais elevados patamares de qualificação. E esse é um desafio que ganha contornos críticos nos chamados territórios de baixa densidade, como, em larga medida, é toda a envolvente regional de Castelo Branco. Claramente, a pedra de toque na reconfiguração do modelo de desenvolvimento assenta neste ponto: a criação de mais e melhor emprego. E o recurso ao fomento do empreendedorismo como estratégia de renovação competitiva do tecido empresarial e da competitividade territorial decorre dessa

necessidade identificada.

O Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) desde cedo agarrou este desafio, tendo sido, aliás, pioneiro no lançamento de uma iniciativa que tem vindo a marcar positivamente a paisagem do empreendedorismo de génese académica em Portugal e cujo objetivo primeiro se centrou no estímulo de uma atitude pró-ativa em inovação e no despertar do espírito empreendedor entre a comunidade discente e docente. Desde 2003, o IPCB tem vindo a desenvolver uma estratégia de fomento do empreendedorismo, cuja pedra basilar é o concurso **Poliempreende – Projetos de Vocação Empresarial**. Após as suas duas primeiras edições, desenvolvidas exclusivamente no âmbito do IPCB, foi feita uma edição piloto em parceria com o Politécnico da Guarda e, no ano seguinte, com cinco politécnicos do interior: Beja, Bragança, Guarda, Portalegre e Tomar. Na 5ª edição, a iniciativa ganhou uma dimensão assinalável, uma vez que se convidaram todos os politécnicos do país a implementarem o projeto nas suas academias, promovendo-se um concurso de empreendedorismo de âmbito nacional. O sucesso da iniciativa foi reconhecido e sob a égide Poliempreende (marca, aliás, registada em nome do IPCB) têm vindo a suceder-se edições anuais consecutivas – finalizou em Julho deste ano, 2015, a 12ª edição. O Poliempreende integra, atualmente, todas as instituições politécnicas do país, escolas superiores não integradas e escolas

Quadro 1 – Poliempreende no IPCB (fase regional)

Edição	Ideias de Negócio	Tipo de participante				Planos de Negócio	Tipo de participante			
		Alunos	Diplomados	Docentes	Outros		Alunos	Diplomados	Docentes	Outros
9ª	37	85	7	7	2	12	19	3	5	2
10ª	11	16	7	8	7	9	14	5	8	5
11ª	21	29	13	11	1	14	13	11	7	1
12ª	20	47	3	5	1	10	23	0	2	1
TOTAL	89	177	30	31	11	45	69	19	22	9

politécnicas das universidades, num total de 21 parceiros, o que representa um universo superior a 100 mil estudantes e 7 mil docentes. No que respeita à organização, o concurso envolve uma componente regional e outra nacional. A nível regional, cada instituição promove um conjunto de atividades que culminam com a atribuição de prémios aos três melhores projetos. O projeto vencedor em cada instituição é, posteriormente, submetido à apreciação de um júri que elege os três melhores projetos a nível nacional. No quadro 1 vêm referidos alguns dados, a título meramente ilustrativo, sobre o número e o perfil dos participantes das quatro últimas edições do Poliemprende, na sua fase regional. É interessante verificar como, além, naturalmente, da participação dos alunos, principais destinatários do projeto, quer os diplomados quer os docentes assumem, igualmente, um peso importante em todo o processo. De sublinhar também que embora tenha estado inicialmente muito centrado no envolvimento dos alunos provenientes das áreas tecnológicas e de gestão, se regista, atualmente, uma maior dispersão dos diferentes participantes procedentes das várias Unidades Orgânicas do IPCB. A equipa de docentes do IPCB que, empenhadamente, ao longo dos anos, tem vindo a dinamizar o Poliemprende está bem ciente da necessidade em valorizar os projetos que são submetidos, nomeadamente através da criação de equipas que permitam a conjugação de diferentes competências disciplinares – há a clara perceção de que essa dinâmica de hibridação das equipas é um passo decisivo a que importa responder. O Poliemprende tornou-se um bom exemplo nacional do que pode ser feito através de um trabalho em rede, cooperativo e organizado. Por um lado, permitiu a concentração

de esforços em torno de uma marca, evitando dispersar energias por um conjunto de iniciativas semelhantes mas desgarradas e de menor dimensão. Por outro lado, assenta numa metodologia educacional do empreendedorismo diferenciadora e adaptável à organização de cada parceiro, concebido com o objetivo de promover a mudança de atitude e o enriquecimento curricular dos atores académicos que nele participam e, simultaneamente, potenciar a criação de novas empresas de cariz inovador. O Poliemprende está orientado para dar à sociedade e à economia um forte e sério contributo, através da constituição de projetos empresariais inovadores, que possam ser levados à prática e, ainda, para o fomento do empreendedorismo nas regiões de influência das instituições de ensino politécnico. No caso de Castelo Branco e da sua região, muito há a esperar do trabalho de cooperação em rede no quadro do ecossistema de inovação, nomeadamente do networking com as diferentes infraestruturas de incubação existentes na Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa. Se era urgente desafiar as instituições portuguesas de ensino superior a repensarem as suas estratégias de forma a enquadrarem o fomento do empreendedorismo entre os seus objetivos de ação, importa fazer o sublinhado de que o IPCB soube estar à altura dos tempos e da dimensão dos desafios. Desde cedo assumiu a missão de desenvolver uma cultura de estímulo ao empreendedorismo, com isso valorizando os seus diplomados, capacitando os seus recursos humanos, transferindo conhecimento, contribuindo para injetar mais inovação e competitividade na economia local e regional. Agora que celebra o seu trigésimo quinto aniversário, essa aposta é já claramente um património de que o IPCB se deve legitimamente orgulhar.